

Desmatamento torna estéril o solo de Samambaia

Andrea Sarmento

O desmatamento e a terraplenagem realizadas na construção de Samambaia, na área rural de Taguatinga resultaram na estiagem do lençol freático do local, prejudicando todo o cinturão verde da cidade. A denúncia é do diretor da Área de Controle de Poluição da Secretaria Extraordinária do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, Genebaldo Freire. Segundo ele, diversos lavradores que mantinham plantações de hortaliças e pomares cítricos, no local, foram obrigados a abandonar a plantação, pois o solo tornou-se improdutivo, só podendo ser utilizado no período chuvoso.

Genebaldo Freire explica que as águas subterrâneas do núcleo rural de Taguatinga eram próximas à superfície da terra, mas com os serviços de terraplenagem, aliados ao desmatamento da região, a terra foi removida, transformando-se em uma área de grande evaporação. A vegetação nativa que foi retirada, desde 82, início da construção de Samambaia, estava em equilíbrio há milênios. O solo, sem a proteção das árvores, foi submetido à ação direta dos raios solares, aumentando a temperatura e provocando evaporação da água.

A família Suguiura mantinha uma plantação efetiva de hortigranjeiros, na Chácara 32, no núcleo rural de Taguatinga. Os 56 hectares eram destinados à produção de hortaliças e cítricos para o abastecimento do mercado local, através da Centrais de Abastecimento do Distrito Federal (Ceasa). Desde 1970, os Suguiura sobreviviam da renda mensal das 15 toneladas de hortigranjeiros, mas em 82, com a construção da cidade de Samambaia, eles abandonaram a plantação e passaram a trabalhar em uma mercearia, em Ceilândia Sul.

Segundo o engenheiro agrônomo, Jorge Suguiura, o desmatamento e a terraplenagem favoreceram o surgimento de erosão na área. Ele explica que, quando chove, a água não se infiltra na terra pois a vegetação é que serve de barreira. Com a terraplenagem, a água da chuva bate com mais força no solo levando o cascalho e com o nivelamento da terra, a chuva corre com mais velocidade. O resultado, narra Jorge, foi o rebaixamento do

lençol freático da área, tornando a região que, antes era produtiva, em uma área árida, que só pode ser cultivada durante seis meses no ano. Conforme Jorge explicou, o DF tem apenas duas estações: chuva e seca.

Exodo rural

Desossando uma peça de carne bovina, no açougue da mercearia da família Suguiura, Jorge lembra saudoso do período em que ele e seus dois irmãos trabalhavam na agricultura, especialmente ele, que é engenheiro agrônomo, e atualmente se encontra afastado da terra e de sua profissão. A produção continua da Chácara 32 se mantinha mesmo na seca, quando os irmãos Suguiura utilizavam irrigação. "Nós agíamos assim, porque hortigranjeiro não se pode estocar, depois de Samambaia passamos a integrar a lista das vítimas do êxodo rural".

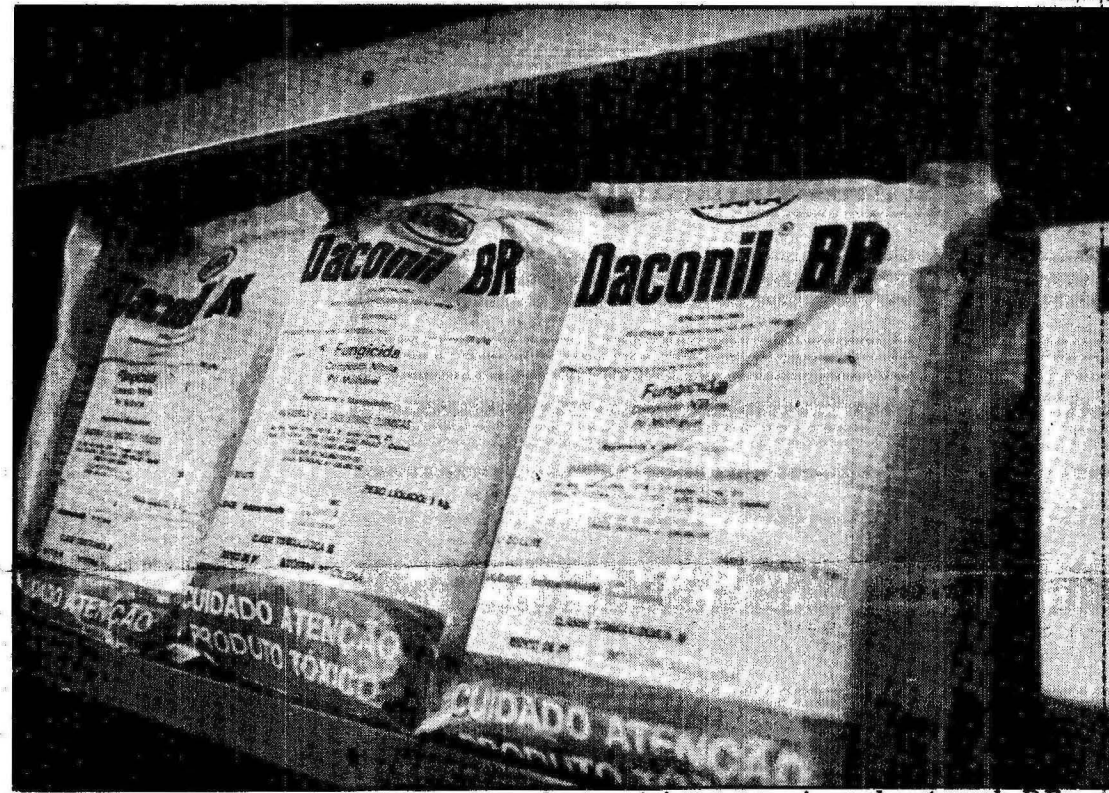
Hoje, a família se dispersou conta Catarina Umaki, 61 anos, que depois da morte de seu marido, o japonês Massayoshi Suguiura, em 1977, assumiu a direção da Chácara, onde ela reside, com um dos filhos e os netos. Ela, o marido e os quatro filhos estão em Brasília desde 59. O velho Suguiura, depois de arrendar a área, descobriu que o lençol freático era superficial, o que facilitou a plantação. Com um financiamento do Banco de Brasília (BRB), a família conseguiu sobreviver da agricultura. Quando a venda das hortaliças começou a render eles estocaram cimento e, aos poucos, construíram, eles próprios, a casa, onde dona Catarina ainda vive.

"Lutamos tanto para esta terra dar verdura, e quando conseguimos tiraram a água da gente. Ficamos desanimados e partimos para o comércio. Sempre fomos lavradores, mas agora acabou, perdemos tudo". Emocionada, dona Catarina lembra a falta que ela sente de quando a família vivia unida trabalhando na agricultura. Segundo ela, com os vizinhos aconteceu a mesma coisa, mas eles ainda tiveram sorte, pois conseguiram manter a chácara, apesar da desapropriação 26 hectares, restando apenas a área de pomar que, atualmente, está abandonada.



Roosevelt Pinheiro

Arquivo 8/10/87



Arquivo

A construção de Samambaia compromete todo o lençol freático da região e o uso de agrotóxicos contamina toda a água do DF